

Educação, democracia e trabalho docente: narrativas de educadoras baianas

Elizeu Clementino de Souza¹
Maria do Socorro da Costa e Almeida²
Patrícia Júlia Souza Coêlho³

Education, democracy and teaching work: narratives of baian educators

18



Resumo

O texto analisa entrevistas narrativas realizadas com duas educadoras baianas, objetivando situar suas contribuições, numa perspectiva individual e coletiva, para a constituição do campo da formação e da história da educação na Bahia. Ao discutirmos questões pertinentes à pesquisa biográfica, adotamos princípios teórico-metodológicos da entrevista narrativa, na tentativa de apreender dispositivos de formação vinculados às trajetórias sociais e coletivas, aos percursos pessoais das educadoras entrevistadas, e contribuir para as reflexões sobre os modos como se configura, numa perspectiva histórica, o campo educacional na Bahia, através das histórias vividas por seus educadores, em articulação com projetos políticos da educação, a prática pedagógica e questões concernentes ao trabalho docente.

Palavras-chave: Entrevista narrativa, educadoras baianas, trabalho docente.

Abstract

The text analyzes narrative interviews carried out with two Bahian educators, aiming to situate their contributions, in an individual and collective perspective, for the constitution of the field of education and history of education in Bahia. In discussing issues regarding biographical research, we adopted theoretical-methodological principles on narrative interview, in an attempt to learn formation devices linked to the social and collective trajectories, personal paths of the interviewed educators, in an attempt to contribute to reflections of the ways in which it is set, in a historical perspective, the educational field in Bahia, through the histories lived by its educators, in articulation with political projects of education, pedagogical practice and questions concerning teaching career.

Keywords: Narrative interview, educators from Bahia, teaching.

1 Pesquisador IC CNPq. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB). Coordenador do GRAFHO [Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral]. Pesquisador associado do Laboratoire EXPERICE (Université de Paris 13 – Paris 8). Tesoureiro da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIÓgraph). Membro do Conselho de Administração da Association Internationale des Histories de Vie en Formation et de La Recherche Biographique en Education (ASIHIVIF-RBE). e-mail: esclimentino@uol.com.br

2 Doutora em Educação e Contemporaneidade. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro do GRAFHO (Grupo de Pesquisa Autobiografia Formação e História Oral). e-mail:help26@uol.com.br

3 Doutoranda e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB). Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XI. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa (Auto)Biográfica, Formação e História Oral – GRAFHO/PPGEduC/UNEB. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). e-mail: pjs.coelho@hotmail.com

Introdução

O texto objetiva discutir modos próprios do trabalho de pesquisa-formação desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ao tomar como referências princípios teórico-metodológicos da entrevista narrativa. Apoiar-se nas sistematizações e contribuições de Delory-Momberger (2014; 2012),⁴ Jovchelovitch e Bauer (2002),⁵ Schütze (2010)⁶ e nos diálogos empreendidos com Appel (2005),⁷ no que concerne ao trabalho com entrevistas biográfico-narrativas realizado pelo autor, bem como na utilização dos princípios epistemológicos construídos por Fritz Schütze (1981),⁸ no contexto da pesquisa e entrevista biográfico-narrativa.

Ao optarmos pela realização de entrevistas narrativas com educadores baianos, conforme já analisadas por Souza (2011)⁹ e Souza e Almeida (2012),¹⁰ buscamos apreender dispositivos de formação vinculados às trajetórias sociais e coletivas, percursos pessoais dos educadores entrevistados, na tentativa de contribuir com reflexões sobre os modos como se configura, numa perspectiva histórica, o campo educacional na Bahia, através das histórias vividas pelos seus educadores, em articulação com projetos políticos da educação, a história das instituições, a prática pedagógica e as questões concernentes ao trabalho e à profissão docente.

- 4 DELORY-MOMBERGER, Christine. *De la recherche biographique em éducation: fondements, méthodes, pratiques*. Paris: Téraèdre, 2014. DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523-536, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.
- 5 JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.
- 6 SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 210-222.
- 7 APPEL, Michael. La entrevista autobiográfica narrativa: fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomies en México. *Forum: Qualitative Social Research*, 6(2), 2005. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0502160>>. Acesso em: 03 fev. 2006.
- 8 SCHÜTZE, Fritz. Prozessstrukturen des Lebensablaufs. In: MATTHES, Joachim; PFEIFENBERGER, Arno; STOSBERG, Manfred. (Eds.). *Biographie in handlungswissenschaftlicher Perspektive*. Nürnberg: Sozialwissenschaftliches Forschungszentrum der Universität Erlangen-Nürnberg, 1981. p. 67-156.
- 9 SOUZA; Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão - narrar a vida. *Educação PUCRS*, v. 34, p. 213-220, 2011.
- 10 SOUZA, Elizeu Clementino; ALMEIDA, Joselito Brito de. Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). *Pesquisa (auto)biográfica em rede*. Natal: EDUFERN; Salvador: EDU-NEB; Porto Alegre: EdPUCRS, 2012. p. 31-49. (Coleção Temas Transversais, 8).



Desta forma, a centralidade do texto recai sobre a análise de cenários da educação brasileira, no século XX, mediante cenas e diálogos que emergem das memórias narradas por duas professoras baianas, que vivenciaram momentos singulares, na recente história política do Brasil, em seus percursos de vida-formação-profissão, em tempos de ameaça à democracia brasileira, próximos aos que experienciamos contemporaneamente, no cenário pós-golpe e impeachment da Presidente da República, incidindo no desmonte político, social e educacional a que temos assistido recentemente no país.

As análises construídas no presente texto vinculam-se à pesquisa Nacional “O sujeito singular-plural: narrativas de vida, identidade, docência e educação continuada de professores”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenada por Abrahão (2012),¹¹ implicando-se também como atividade de pesquisa-formação coordenada, em âmbito local e regional, pelo GRAFHO/UNEB, no âmbito do subprojeto “Profissionalização docente e identidade: histórias de vida, narrativas e formação”, que tem se centrado na realização de entrevistas narrativas com educadores baianos, na tentativa de mapear suas contribuições para a constituição do campo educacional na Bahia, mediante a utilização de aportes epistemológicos e teórico-metodológicos da abordagem biográfica em educação.

A opção epistemológica e a adoção de princípios metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, na vertente das entrevistas, tem nos permitido, por meio das narrativas das histórias de vida de educadores baianos, conhecer questões voltadas para o contexto da educação no Estado da Bahia, em diálogo com o cenário nacional, destacando dimensões da realidade educacional, das lutas de professoras brasileiras pela educação e a valorização do magistério, assim como marcadas pela necessidade de tematizarmos suas emergências, relações e estratégias de participação política.

Para o desenvolvimento do subprojeto de pesquisa como ação do GRAFHO/UNEB, foram realizadas entrevistas narrativas com educadores baianos,¹² tomando como centralidade suas trajetórias de vida-formação e seus impactos na história das políticas educacionais brasileiras das seis



11 ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org). *Pesquisa (auto)biográfica em rede*. Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB; Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

12 Num primeiro momento da pesquisa, realizamos entrevistas com quinze educadores baianos que exerceram a profissão, em sua maioria nos anos de 1940 a 1980, mas ainda muitos continuam exercendo atividades educacionais ou docentes, embora já aposentados, sendo entrevistados os seguintes educadores(as): Cipriano Luckesi, Edvaldo Machado Boaventura, Flávio Dias dos Santos Correia, Hélio Rocha, José Jerônimo de Moraes, Roberto Santos; Zilton Rocha, Amábilia Vilaronga de Pinho Almeida, Dilza Atta, Dirlene Mendonça, Elza Arns, Maria Anália Costa Moura, Maria Augusta Abdon, Yeda Pessoa de Castro e Heloísa Maria Curvelo Sarno. Tais educadores(as), em suas itinerâncias singulares e percursos formativo-profissionais, exerceram e exercem destaque na História da educação no Estado da Bahia.

últimas décadas. Como afirmado por Souza (2011),¹³ a escolha dos educadores para entrevistas levou em consideração as funções exercidas na educação no Estado, sua influência na definição de políticas educacionais e, notadamente, o modo como viveram/vivem o ofício profissional, pois desempenharam e desempenham funções públicas, na condição de Governador do Estado, Reitor de universidades, nos âmbitos estadual, federal e privado, gestores de escolas, membros de entidades e associações culturais, científicas e acadêmicas da área, bem como pela inserção profissional e a contribuição para a formação de diversos profissionais, no contexto educacional baiano.

Para a produção deste texto, foram escolhidas duas entrevistas narrativas, concedidas por duas educadoras baianas – *Amábilia Vilaronga de Pinho Almeida* e *Heloísa Maria Curvelo Sarno* – contemporâneas do educador Anísio Teixeira. Vale ressaltar que, apesar de terem atuado em contextos diferentes da educação, ambas foram militantes em movimentos sociais de resistência aos governos repressores no Brasil, que instalaram ameaças e supressão da democracia, na história brasileira recente da segunda metade do século XX.

Ao compartilharem cenas de suas histórias de vida, de docência e de aprendizagens da política e da militância, no combate a modelos autoritários de governo e de gestão política, em contextos de fragilidade da condição democrática, as entrevistadas explicitam contribuições individuais e coletivas para a construção da história recente da educação brasileira, considerando os conteúdos e sentidos elaborados, da perspectiva de mulheres professoras que fazem e contam suas histórias, produzindo heranças com/para outras tantas gerações de professoras e professores.

Quanto ao uso das entrevistas narrativas, compreendemos como um dispositivo de pesquisa que possui uma hermenêutica própria, norteadora das trajetórias e dos modos como cada sujeito narra as injunções que marcaram as relações entre espaços, temporalidades biográficas e sentidos presentes em suas experiências cotidianas.

Nos estudos de Dominicé (2002)¹⁴ e Ferrarotti (2014),¹⁵ as entrevistas narrativas são consideradas como oportunidades de ativação de memórias, nas quais o sujeito, em primeira pessoa, seleciona, recorta e elabora sentidos construídos em suas relações pessoais e profissionais. Ao dis-

13 SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão - narrar a vida. *Educação PUCRS*, v. 34, p. 213-220, 2011.

14 DOMINICÉ, P. *L'Histoire de vie comme processus de formation*. Paris: L'Harmattan, 2002.

15 FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.





cutir essa questão, Passeggi (2010)¹⁶ a compreende como uma fértil e potente experiência de biografização, na qual o próprio sujeito relaciona o vivido com as formas discursivas de relato, interpretação e implicações de seu papel de autor e ator das histórias contadas. Para Jovchelovitch e Bauer (2002),¹⁷ a pessoa entrevistada é incentivada a contar a sua história a partir de acontecimentos significativos de sua vida e do contexto social em que está imersa. Ampliando essa discussão, Souza (2008)¹⁸ acrescenta em seus estudos o caráter formativo e (auto)formativo do ato de narrar e de narrar-se no desenvolvimento de uma entrevista narrativa. Desse modo, reafirmamos as peculiaridades dos usos das narrativas na abordagem (auto)biográfica, na medida em que tematizam e tencionam aproximações, convergências e diálogos cruzados entre as histórias narradas pelas duas professoras entrevistadas, possibilitando-nos analisar os sentidos que emergem das memórias, histórias e experiências das entrevistadas, no contexto de sua vida-formação e profissão, e lançando olhares sobre suas contribuições para a educação na Bahia.

(Auto) biografia e formação docente: diálogos sobre democracia e resistência

Os/as professores/as, ao escutarem, narrarem ou refletirem sobre trajetórias formativas, reconhecem o caráter coletivo, o contexto social e institucional, as características políticas e as questões relacionadas ao trabalho docente. Portanto, as histórias de vida que permitem conhecer as trajetórias de outros educadores se constituem em potentes possibilidades de formação, na medida em que é possível pensar sobre o contexto sociopolítico vivenciado pelos sujeitos que narram, tecendo reflexões não somente relacionadas aos aspectos pessoais, mas, também, suscitando análises concernentes às questões sociais em que as existências desses sujeitos se traduzem e ganham sentido.

Considerando que a formação e a atuação docente implicam-se ao desenvolvimento de uma prática educativa, de caráter emancipatório e inclusivo, a compreensão da sociedade, numa abordagem multirreferencial, para o reconhecimento das diferentes experiências dos sujeitos que nela

16 PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

17 JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, George. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

18 SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. *Revista Fórum Identidades*, ano 2, v. 4, p. 37-50, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/DOSSIE_FORUM_Pg_37_50.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

estão inseridos, torna-se fundante para a apreensão de percursos e trajetórias de formação vividos pelos sujeitos nesses contextos históricos. Sendo assim, ao analisarmos as narrativas de Amábilia Almeida e Heloísa Sarno, tomaremos como referência os modos como se formaram, iniciaram suas histórias profissionais, construíram saberes sobre suas vidas e profissão, num contexto histórico de atentado à democracia, de violação dos direitos humanos e de práticas de poder-saber que deixaram marcas históricas no cenário educacional brasileiro e baiano, na segunda metade do século XX.

Ao discutir os aspectos relacionados às dimensões individual e coletiva dos sujeitos, quando narram, Josso (2004)¹⁹ afirma que, numa dimensão singular e plural, as histórias individuais e coletivas se vinculam às experiências de vida-formação-profissão. Nesta perspectiva, compreendemos que no movimento constitutivo das próprias histórias, os sujeitos, quando narram, socializam reflexões sobre os sentidos e os significados de suas incursões e atuações no campo educacional, suas participações em âmbito social e político, em cenários históricos de fragilidade para a vida cidadã e/ou em contextos de enfrentamento e tomada de posições para a construção de uma sociedade democrática. Ampliando essa discussão, Souza (2006 p. 35)²⁰ afirma que a dimensão pessoal “[...] demarca a construção e (re)construção de uma identidade pessoal e profissional [...]”, na medida em que a “[...] dimensão profissional refere-se à formação inicial e continuada com os saberes e experiências da docência [...]”. Para este autor, as inter-relações entre o desenvolvimento pessoal e profissional potencializam, no processo de investigação-formação, apreensões das trajetórias de vida dos sujeitos, através das formas como narram suas experiências, na condição de atores e autores de suas próprias histórias.

Neste movimento dialético, entre histórias individuais e singulares, as entrevistadas explicitam suas aprendizagens e a identificação das concepções de ser humano, educação e escola, com ênfase nos valores que embasam a obra e as políticas educacionais implementadas pelo educador Anísio Teixeira, sobretudo, pelos resultados de sua atuação como Secretário de Educação do Estado da Bahia, no período de 1947 a 1951, quando, em 1950, implantou a Escola Parque ou Escola Carneiro Ribeiro (SAVIANI, 2007).²¹ Assim, narram:

19 JOSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

20 SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

21 SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Memória da Educação).

[...] fui transferida do interior praqui pra capital. Mas não podia ensinar também, em escola da capital, tinha que ensinar, porque eu era do quadro do interior. Então, Dr. Anísio Teixeira tinha implantado, é, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, os centros educacionais, com as três escolas classes: um, dois e três; e no centro de tudo isso, a Escola Parque. Então, mas, nós professores do quadro do interior podíamos trabalhar nessas escolas porque elas estavam localizadas na periferia de Salvador. Então, vários professores que vieram do interior estavam nessas escolas e eu fui designada pra Escola Classe II. Então, na Escola Classe II, quem, é, esse trabalho dessas escolas e da Escola Parque era coordenado pela irmã do Dr. Anísio Teixeira, Dra. Carmem, professora Carmem Teixeira [...]. (AA)



[...] em 1960, [...] Quando eu entrei na Escola Parque, que eu vi, estava na escola Parque [...] nós fomos do turno da diversidade, por que o 1º turno era a escola clássica... Aí que vi que eu era muito tradicional, era tradicional o ensino, mas, a escola do turno oposto era atividade diversificada. Então, estava acontecendo ali uma eleição. Dentro da escola, os alunos organizando. Eu vi um comício. Eu vi laboratórios, sala ambiente de artes, a sala ambiente disso, daquilo... aí eu fui entender... Eu me lembro que eu chorei. Quase a classe inteira de alunas de Pedagogia chorou de perceber que aquilo era verdade [...]. (HMSC)

A opção por uma educação para a democracia, como exercício da crítica e da liberdade, com vistas à construção da cidadania, arquitetou-se nos discursos e nas práticas profissionais das entrevistadas, por meio das aprendizagens suscitadas no ideário desenvolvido pelos docentes que mediavam as ações educativas na Escola Parque, como destaca a colaboradora da pesquisa: “[...] a minha paixão foi crescendo pela educação depois que nós conhecemos a filosofia da educação de Anísio Teixeira [...]” (AA).

Viver uma educação transformadora, em um cenário político de ameaça aos direitos sociais e à condição de liberdade, representou um contraponto histórico e educacional à formação e às práticas de uma geração de educadores, como ressalta, em sua narrativa, a entrevistada:

[...] tivemos algumas oportunidades de estar com o professor Anísio Teixeira e de receber dele muito incentivo pra desenvolver o trabalho nessas escolas e ele que abriu, assim, nossos horizontes pra nos mostrar que a educação não era só o aprender ler; a formação era a preocupação com a promoção do ser humano, do homem, pra que ele se tornasse um cidadão verdadeiro [...]. (AA)

As professoras entrevistadas compartilham cenas de suas histórias pessoais que se entrelaçam com as emergências e as transformações so-

ciopolíticas próprias de uma época. No entanto, o que torna suas narrativas singulares consiste nas evidências da precoce implicação na vida política do país, experiência que elas assumiram desde o período de formação para a docência, e que vai se estendendo ao longo do percurso de atuação docente. Assim, ambas relatam suas ações de engajamento e militância, ao afirmarem que:

[...] quando foi durante o Curso de Pedagogia, eu fui eleita presidente do DA. Aí como presidente do DA, então entrava no DA, no DCE e não sei o que. [...] Começava a minha militância aí, certo? [...] Em 67, eu casei com um militante [...] no ápice do Regime Militar [...]. (HMCS)

eu fui...presidente da Associação Feminina da Bahia. E, foi um trabalho que cresceu muito, nós desenvolvíamos campanhas educacionais pela melhoria do ensino, pela melhoria das escolas, pela, na luta por creches dos bairros populares [...]. (AA)

Moita (2000)²² explica que a constituição da identidade profissional dos professores se dá não somente pelo “enquadramento intraprofissional”, mas também através das interações estabelecidas entre o universo profissional e outros universos socioculturais. Ao ampliar essa discussão, Nóvoa (2000)²³ afirma que a identidade não pode ser concebida como um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto, é um processo complexo de construção, pelo qual é possível ao sujeito se apropriar da sua própria história pessoal e profissional. Desta forma, a valorização das histórias de vida docentes é de suma importância para o processo formativo, pois através delas são reveladas as trajetórias pessoais e profissionais dos sujeitos e suas aprendizagens experienciais.

Nessa convergência, as entrevistadas articulam práticas sociais que rompem com os padrões vigentes para as mulheres de sua época, caracterizados predominantemente pelos papéis de filha, esposa e mãe. Ambas associam as vivências de formação docente ao compromisso com a democratização do acesso à educação, especialmente para as classes trabalhadoras. Além disso, as narrativas traduzem cenas de pioneirismo feminino, na liderança de movimentos populares, por direito à educação dos filhos de famílias de baixa renda, ou em situação de exclusão socioeducacional.

Sobre a luta pela democracia, as narrativas compartilhadas pela colaboradora Heloísa Sarno são contundentes, pois ela relata que foi presa dando aula em uma Escola de Freiras, em São Paulo, já vivendo na clandestinidade, durante a Ditadura Militar iniciada em 1964, destacando que:

22 MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António. (Org.). *Vida de professores*. Lisboa: Porto Editora, 2000. p. 111-140.

23 NÓVOA, António. Os professores e as histórias de suas vidas. In: NÓVOA, António. (Org.). *Vida de professores*. Lisboa: Porto Editora, 2000. p. 11-30.



[...] sou uma das primeiras mulheres a ser presa, fui eu. Eu fui tirada do trabalho. Eu falava isso. Eu fui tirada do trabalho! Isso é crime! Eu uma trabalhadora, não pode [...] Eu não sou nenhuma indigente, não sou vagabunda, sou profissional, eu gritava quando eles (Polícia Federal) me interrogavam [...]. (HMCS)

Quando vieram, assim, fizeram minha entrevista [...] outra entrevista, já vieram com tudo! Sabiam da minha vida toda [...]. (HMCS)

[...] Já sabemos de sua vida. Participou de movimento estudantil, ex-aluna da Católica, Universidade Católica de Salvador, sabemos que a senhora foi presidente de DA, mas não teve nenhum problema criminoso, coisa nenhuma. Então, a senhora tem que dar o endereço, pra senhora ir embora [...] Então eu tô pensando que eles iam me soltar, que nada! [...], foram em minha casa, foram lá, por que os vizinhos viram [...] eles invadiram e não tinha mais nada lá. (HMCS)



Bueno (2003)²⁴ afirma que o sujeito, ao olhar para o passado, tem a oportunidade de rever os seus próprios percursos pessoais e profissionais, possibilitando-lhe, assim, a instauração de novos significados a experiências e acontecimentos vividos, e projetando novas perspectivas para a sua vida, através do exercício reflexivo. As narrativas das colaboradoras, por exemplo, ao socializarem suas histórias individuais, ao biografarem-se, falam das mentalidades, das políticas e das práticas de perseguição e cerceamento às liberdades, traduzindo para a comunidade as idiossincrasias de uma época.

Assim, Moita (2000)²⁵ explica que a abordagem biográfica possibilita o diálogo entre o individual e o sociocultural, favorecendo, desse modo, reflexões sobre as relações existentes entre essas duas realidades. O trabalho com narrativas biográficas, como um processo formativo, segundo a autora, também favorece a compreensão das interações que ocorreram nas diferentes dimensões da vida de uma pessoa, de modo global e dinâmico, o que contribui para a identificação das continuidades e rupturas, inscritas em dimensões temporais e espaciais, e vividas no presente. Desta forma, a professora Amábilia narra que:

[...] em 64 [...] quando descíamos aos grupos e tal, não em passeata mais, cada um tomou seu rumo, é, que passamos

24 BUENO, Belmira Oliveira. Pesquisa em colaboração na formação contínua de professores. In: BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Bárbara; SOUSA, Cyntia. Pereira de. (Orgs.). *A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração*. São Paulo: Escrituras, 2003. p. 7-20.

25 MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António. (Org.). *Vida de professores*. Lisboa: Porto Editora, 2000. p. 111-140.

pela Piedade, ali é que nós vimos que era muito grave a situação, porque havia tanques na Piedade, localizados na porta do Sindicato dos petroleiros, em razão de sindicatos outros e havia lá realmente um clima, assim, policialesco na cidade. Fomos pra casa, ligara a rádio pra saber o que estava acontecendo, principalmente nós que éramos de esquerda, meu marido pertencia a um partido da clandestinidade, e aí foi muito difícil porque a gente teve que ficar assustado com as crianças; e não fomos só nós, foram muitas pessoas que eram ligadas ao governo de João Goulart. E corre-corre, esconde-esconde, e todo mundo tomando precauções. Eu me recordo que nesse dia, no outro dia 6 horas da manhã, uma pessoa, meu marido já não estava em casa, já tinha saído, já estava num lugar que eu mesma nem sabia e uma pessoa ligada ao PSB passou lá na minha casa e disse: – olha Amabilia seu nome está na lista dos que vão ser presos. Então, se você puder, caia fora antes que isso aconteça [...]. (AA)



O trabalho com as narrativas biográficas, como opção teórico-metodológica para o desenvolvimento de pesquisas e formação, exige uma escuta e uma leitura sensível aos relatos orais e escritos dos sujeitos partícipes desses processos. Na abordagem (auto)biográfica, as narrativas permitem a utilização de recursos e vivências, explicitando marcas acumuladas, em experiências construídas e mudanças identitárias, vinculadas aos percursos do sujeito. O excerto da narrativa explicita tensões, perseguições e privação da liberdade, aspectos predominantes em contextos de fragilidade da democracia, caracterizados pela ausência dos direitos de expressão, de divergências, críticas ou manifestações.

As educadoras, através das entrevistas realizadas, tiveram a oportunidade de narrar suas histórias, a partir de acontecimentos relevantes ocorridos em suas vidas. As narrativas dessas importantes educadoras, em especial no cenário baiano, poderão configurar-se como fontes biográficas que permitem compreender os significados de questões sociais, políticas e educacionais, principalmente neste momento de retrocesso político que estamos vivendo em nosso país.

As entrevistas narrativas, como dispositivo metodológico adotado para o desenvolvimento deste trabalho, não estiveram restritas a uma mera descrição dos percursos de vida das professoras colaboradoras, mas se buscou identificar e analisar as articulações que os sujeitos estabelecem com as dimensões éticas, estéticas e epistemológicas, constituídas individualmente e coletivamente, no decorrer de suas vidas. Escutar as educadoras partícipes desse processo investigativo nos remeteu não somente a uma revisitação do passado, em que as narrativas são apresentadas de maneira clara, coesa, instigante e emocionante, mas também nos permitiu tecer reflexões sobre o contexto educacional que estamos vivendo hoje no Brasil, sobre a profissão docente, as condições do trabalho docente e suas práticas educativas.

As narrativas apresentadas pelas educadoras baianas assumiram uma posição de defesa a uma educação pautada nos princípios da coletividade e da colaboração, como ressalta a professora Amabilia Almeida, ao afirmar: “[...] Eu sempre adotei essa prática, eu não quero fazer as coisas se eu não sei, ninguém sabe fazer as coisas só. Então, você pode até tentar e fazer, mas vai sair melhor se contar com a participação de todos [...]” (AA).

Evidencia-se que a entrevistada assume uma postura de humildade diante dos seus pares, seja na produção de conhecimento e/ou na materialização das ações propostas. O relato da professora Amabilia Almeida apresenta convergências com a perspectiva de que a formação e a atuação docente precisam ocorrer de forma colaborativa, pois, através da co-participação, todos os sujeitos implicados aos processos educativos têm a oportunidade de compartilhar experiências e socializar compreensões, interpretações, conflitos e dilemas, de maneira democrática.

Através das histórias de vida-formação e das itinerâncias profissionais das educadoras colaboradoras desta pesquisa foi possível reconhecer que o exercício da profissão docente precisa transcender o espaço institucional e o domínio dos conhecimentos teóricos e técnicos. Na medida em que a formação de professores, geralmente, está respaldada no acúmulo de conhecimentos teóricos e técnicos, ancorando-se em princípios da racionalidade técnica-instrumental. O trabalho narrativo, na perspectiva (auto)biográfica, consiste em uma abordagem teórico-metodológica que possibilita aos/às docentes o conhecimento de si, a partir das articulações estabelecidas com as aprendizagens adquiridas ao longo da vida. Sobre essa questão, Souza (2006, p. 36)²⁶ afirma:

Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o cotidiano, o qual revela-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade. A centralidade do sujeito no processo de investigação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre a subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor da sua própria história.

Ao ampliar essa discussão, Josso (2004)²⁷ destaca que o conhecimento de si permite a invenção de si, que possibilita aos sujeitos a identificação dos desafios concernentes à sua formação e atuação docente, bem como a construção de conhecimentos tácitos inerentes ao trabalho e à construção de novos conhecimentos.

26 SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

27 JOSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.



As histórias e conquistas dessas educadoras são retratos vivos do “ser mulher” e do “ser professora” na Bahia. As lembranças retomadas, através das narrativas, evocam um passado de luta pela conquista dos direitos das mulheres, em vários dos papéis que ocupavam e ainda ocupam na sociedade, especialmente o de mulher-professora. As lutas contra o autoritarismo, a opressão e a desvalorização profissional, e as ações a favor de uma educação pública, de caráter democrático e emancipador, foram narradas pelas educadoras em cena, revelando, assim, pontos de convergência em suas histórias de vida.

A professora Amábilia Almeida ressaltou como foi a sua primeira luta, a favor da profissionalização docente e, mais tarde, a “luta pelos 3 mil”, uma das ações que empreendeu em defesa de melhores condições de trabalho para a categoria docente.

Não foi uma coisa rápida, nós levamos assim, praticamente, um ano lutando, trabalhando, mobilizamos toda a classe. Fizemos assembleias, fizemos passeatas, fomos ameaçadas, fomos postas pra fora do palácio por Juracy Magalhães, fizemos carta aberta ao povo baiano contando a história do professorado. Eu que encabecei a carta aberta e quando de repente, depois de um ano de luta nós conseguimos ganhar os três mil, foi vitoriosa a nossa campanha. Mas a essa altura a luta tinha sido tão grande, tão envolvente, que eu já tinha ficado conhecida no Estado da Bahia, no meio do professorado, como a professora atrevida que levou avante a bandeira dos três mil. (AA)

Este relato explicita o cenário de uma profissão desvalorizada, especialmente pelo poder público, mas que reflete o papel de resistência da mulher trabalhadora frente ao desprestígio da educação, em um país que carecia, e ainda carece, de compreensão sobre a importância de ambas. A professora Amábilia Almeida ratifica, na sua narrativa, a importância do comprometimento social e político do/a professor/a, para engendrar movimentos de luta a favor de melhores condições de trabalho e de salários mais dignos.

A educadora Amábilia Almeida explicita, em sua narrativa, o quanto a profissão docente é marcada por um processo de desvalorização social e econômica. Sua trajetória ensina que a defesa da profissionalização e a valorização da docência constituem uma luta que necessita ser constantemente potencializada, considerando a invisibilidade da importância do/a professor/a por parte da sociedade. Assim, afirma que:

[...] Até bem pouco tempo professor era tão humilhado que não tinha cartão, não tinha talão de cheque (risos), professor recebia dinheiro na boca do cofre. Então, essa boca do cofre não era nem uma agência de banco, era ali na rua D’Ajuda que se chamava assim, tem ainda o prédio do tesouro do Es-



tado. Na parte de cima funcionava a Legião Brasileira de Assistência, na parte de baixo tinha lá uns, uns, sei lá, um curralzinho, uma coisa assim com as telas, era ali que a gente recebia. O cara dava, o pagador dava uma folha, você assinava e recebia o dinheiro ali na hora, botava no bolso, botava na bolsa, ali mesmo já estavam os agiotas pra tomar o dinheiro que tinham emprestado à professora. Era uma situação humilhante, meu Deus, era triste aquela situação! (AA)

O excerto da narrativa de Amábilia Almeida denuncia a precarização das condições do trabalho docente, que, infelizmente, ainda está presente no atual contexto educacional brasileiro. Sobre está questão, Freire (2003, p. 49)²⁸ ressalta que a constituição do ser professor/a, educador/a, demanda a implicação consciente nas lutas em defesa dos seus direitos, tendo em vista “[...] a sabedoria política de suas lideranças [...]”. A professora Amábilia Almeida apresenta essa implicação, ao narrar que:

[...] quando veio o primeiro Congresso Nacional dos Professores Primários, que foi realizado no ICEIA, eu atrevidamente decidi apresentar uma tese sobre a situação do professor no Estado da Bahia e a necessidade da sua valorização, principalmente, seu reconhecimento, dando-lhe melhores condições econômicas e salariais pra desenvolver o seu trabalho; que não era possível um professor ganhar igual a um coveiro. Era uma comparação que a gente sempre fazia, porque não tinha essa do professor ganhar salário mínimo, professor ganhava menos do que salário mínimo. Até hoje continua [...]. (AA)

A professora Amábilia Almeida, juntamente com outros/as importantes educadores/as, problematizou a concepção de que a docência é um “sacerdócio”, lutando em defesa do reconhecimento da profissão docente e de sua valorização social. No excerto da entrevista, a seguir, a colaboradora amplia suas posições sobre essa temática, quando afirma que:

Porque se dizia, ah ser professora era um sacerdócio, a pessoa tem que se esquecer de si, tem que ficar pensando só na educação, nas crianças e isso, e aquilo pra engrandecer o país, o país só vai pra frente através da educação. Aí houve um momento assim que paramos e pensamos, eu e outras companheiras: não, não é isso não. [...] Professor deixou de ser sacerdote, professor passou a ser mais respeitado. Quer dizer, as coisas mudam. Antes era assim, todo mundo papari-cava professor porque o professor era assim, que tinha que se desvelar em tudo. Hoje não, o professor tem que assumir o seu papel enquanto transformador duma sociedade. Seu papel é transformador mesmo. É de pegar a coisa e transformar! (AA)

O questionamento da professora Amábilia Almeida sobre a ideia de que “ser professor/a era um sacerdócio” evidencia a ideia de que a for-

28 FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'Água, 2003.



mação e a atuação docente necessitam estar imbricadas à perspectiva de profissionalização e superação da proletarização do trabalho. Essa representação sobre a identidade do/a professor/a, construída ideologicamente pelos grupos hegemônicos, tinha como intencionalidade evitar o envolvimento político dos/as professores/as nas lutas por melhores condições de trabalho, incluindo formas mais dignas de reconhecimento profissional, por salários e de superação de doenças ocupacionais.

Ao teorizar sobre a fabricação de identidades docentes, Lawn (2002)²⁹ afirma que as construções e modificações nas identidades dos professores são “fabricações” do Estado, como uma das formas de controle e regulação do trabalho docente. Para Souza (2006, p. 30),³⁰ “[...] as perdas salariais e a diminuição do controle sobre o seu próprio trabalho imprimem e revelam a gênese da proletarização profissional dos professores”, gerando crises pessoais e profissionais no desenvolvimento da profissão.

Referenciados nas narrativas das educadoras Amábilia Almeida e Heloísa Sarno, podemos afirmar que essas mulheres tiveram um importante engajamento social e político, no cenário da história da educação da Bahia, e, conseqüentemente, no Brasil. As itinerâncias de vida-formação-profissão dessas educadoras foram consolidando atitudes militantes, empoderando-se da condição de serem mulheres/professoras e propagando suas ideias para outras mulheres/professoras, marcando sua geração e outras. Para a educadora Amábilia Almeida, ser professor/a significa estar na condição de aprendiz e de cidadã diante dos desafios inerentes a sua profissão, na medida em que:.

Não é que eu fosse brilhante, essa coisa, não. Eu era envolvida, eu sempre achei que eu tinha muito que aprender com os outros. Então, felizmente eu tinha essa humildade de aprender com as pessoas que sabiam mais do que eu. E isso foi muito bom porque eu fui crescendo. Eu fui assim, tendo essas oportunidades e foi muito importante pra que eu me tornasse uma pessoa assim mais consciente do meu papel na sociedade. (AA)

Conhecer as histórias dessas educadoras possibilitou-nos refletir sobre nosso papel na sociedade, enquanto educadores/as, provocando inquietações concernentes às condições de trabalho docente e à educação pública brasileira. Cenas narradas das histórias de vida das educadoras, marcadas pelas experiências individuais e articuladas às dimensões sociais, favorecem, de certa forma, o processo de formação e atuação dos/as professores/as, em especial de instituições públicas, contribuindo para

29 LAWN, Martin. Os professores e a fabricação de identidades. In: NÓVOA, António; SCHRIWER, Jürgen. (Orgs.). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2002. p. 69-84.

30 SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

outras formas de luta em defesa de uma educação democrática e emancipadora, acreditando sempre em uma vida mais digna e uma sociedade mais equânime para todos.

Algumas considerações: educação democrática e reinvenção de sonhos

As narrativas das duas educadoras entrevistadas, que contribuíram para a história da educação da Bahia, nos permitem, em diálogos com o contexto educacional atual e numa perspectiva histórica, reconhecer a importância de lutarmos por uma educação pública, de caráter democrático e emancipatório. Sobre essa questão, Freire (2003, p. 13)³¹ afirma que:

Voltar-me sobre o passado [...] é um ato de curiosidade necessário. Ao fazê-lo, tomo distância do que houve, objetivo, procurando a razão de ser dos fatos que me envolvi e suas relações com a realidade social de que participei. [...] Os olhos com que revejo já não são os olhos com que vi. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que está passando.

As narrativas das colaboradoras da pesquisa revelam como a força feminina, experienciada no cotidiano do magistério, atravessada pelos ideais de liberdade e democracia vinculados às políticas educacionais desenvolvidas por Anísio Teixeira, foi decisiva para as lutas individuais e coletivas, para as ações de resistência necessárias à restauração dos direitos subtraídos pela ditadura militar que governou o país com autoritarismo. Como afirma a educadora e militante Heloísa Sarno:

Da minha caminhada como mulher, como cidadã, né? É com a visão política aberta, mas não sou nenhuma [...] como é que se diz, fundamentalista! Nada disso. Tenho uma abertura muito grande para entender os processos de idas e vindas, né? Essa dimensão filosófica do sim e do não, o que me dá essa base do sim e do não, me dá uma base dialógica com as pessoas. (HMCS)

Ao tratar da opção pelo diálogo, a entrevistada constrói um legado para educadores de várias gerações, pois remete o leitor a uma percepção sensível (ALMEIDA; SOUZA, 2016)³² da história recente do Brasil e do papel de mulheres, professoras, que ousaram sonhar com uma educação de qualidade para todos, baseada em valores, criticidade e ética. Ainda adverte sobre cuidados que merecem atenção das licenciaturas, como um

31 FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

32 ALMEIDA, M. do S. da C.; SOUZA, E. C. de. Experiências leitoras na formação inicial de professores: reflexões sobre o PIBID. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista/BA, PPG/UESB, v. 12, n. 21, p. 25-44. jan./abr. 2016.



dos espaços de preparação para a docência: “[...] eu sinto que os professores da Universidade que trabalham com formação de professores grande parte não pisou em sala de aula [...]” (HMCS).

Dessa perspectiva, os educadores da contemporaneidade são convocados a questionar seus atuais papéis na sociedade, especialmente nos contextos formativos, buscando superar as práticas reprodutivistas, elitistas, meritocráticas e excludentes que por vezes atravessam os currículos dos cursos de formação de professores.

A problematização das narrativas aqui contextualizadas pode gerar subsídios para a defesa da escola pública, das licenciaturas e dos sujeitos como cidadãos de direitos, considerando suas práticas e relações de produção de sentido sobre si e sobre suas implicações para a construção de coletivos de solidariedade, para a superação das assimetrias sociais e políticas que impõem preconceitos, exclusão e fragilidades às relações de profissionalização docente na contemporaneidade.

